

apresentação

O número 08 da *Revista Alere* está dedicado ao tema *Literatura e História*. Nele se reúnem colaboradores das seguintes universidades: Escuela Nacional de Antropología e Historia (ENAH), México; da Universidad Autónoma de Nuevo León (UANL), Monterrey, México; Universidade de Lisboa (FLUL); Universidade Federal de Goiás (UFG); Universidade Estadual de Londrina (UEL); Universidade Estadual Paulista (UNESP); Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCsp); Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT); Universidade Federal de Tocantins (UFT); Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade do Estado do Mato Grosso (UNEMAT). Dentro do amplo universo delimitado pelo dossiê, tanto os objetos quanto as abordagens, em seu embasamento teórico e na metodologia aplicada, apresentam uma gama bastante variada, conferindo a este número da revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, da UNEMAT, uma abertura significativa de entendimento da relação da Literatura com a História. Cremos oportuno que este número se abra com a palestra proferida pelo professor Frederico Fernandes, da UEL, por ocasião do encontro de Grupos de Pesquisa em Literatura do Centro Oeste. Partindo da pergunta: “O que nos leva a deixar nossas casas para vir para Tangará da Serra, a 240 km de Cuiabá, para discutir possibilidades de convênio de pesquisa e

formas de associativismo?”, encontra a resposta: “[...] está no local de onde falamos e também na nossa própria trajetória”. Para explicar em que isso consiste, o professor faz um retrospecto da história da pesquisa da literatura e da linguística no país, lembrando a criação de associações como a Anpoll, Abralín, Abralic. E se vale de Agamben para justificar não só a pesquisa como os grupos acadêmicos que congregam especialistas de diferentes IES; segundo o professor, para Agamben, amigo é aquele que age pelo “consentir” e pelo “condividir”. O consentimento não é entendido como uma autorização, no sentido de que eu autorizo você a fazer, eu consinto, mas no sentido de “sentir com” e, se eu sinto com o outro, torno-me capaz de compartilhar as angústias e prazeres, sou capaz de dividir o que tenho de melhor.

Tomando como enlace essa visão histórica da pesquisa acadêmica na atualidade, segue o artigo de Victor Barrera Enderle que, embora falando do norte do México, pode muito bem servir como norteador da leitura dos demais textos deste número da revista. A literatura produzida no estado mexicano de Nuevo León comparece nesse artigo cujo núcleo de preocupação se traduz na pergunta sobre a propriedade e acerto em denominar-se a produção literária nessa região como “Literatura do Norte”. Isto em vista das transformações histórico-culturais, em que o Estado, enquanto o patrocinador cultural por excelência, foi perdendo a hegemonia para as indústrias culturais, para as editoras transnacionais.

Classificando-se como abordagens que privilegiam a relação entre o discurso historiográfico e o literário, seguem-se os trabalhos de Julieta Haidar, João Batista Cardoso, Antônio Roberto Esteves, Márcia Romero Marçal, Tânia Pego, Divanize Carbonieri, Cléber Luís Dunge, Suene Honorato, Helvio Moraes, Ricardo Marques Macedo e Aroldo José Abreu Pinto.

Julieta Haidar focaliza o romance de Mário Vargas Llosa, *La fiesta del chivo*, em que, segundo a autora, se entrelaçam o ficcional e o histórico de forma tão estreita, o segundo parece superior ao

primeiro, problematizando a fronteira entre eles. Fato que parece dever-se ao próprio desenvolvimento da América Latina e do Caribe. Aspectos fundamentais a examinar são, de um lado, “ el funcionamiento de lo prohibido, de los tabúes, en la reconstrucción de la memoria histórico-política del trujillismo”, e, de outro, a repercussão que o romance teve em países com Santo Domingo, Peru, Espanha.

Nas obras *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX* e *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*, de Hayden White, se inspira João Batista Cardoso, em seu artigo em que aproxima Euclides da Cunha, de *Os sertões*, e Vargas Llosa, de *A guerra do fim do mundo*, na análise de operações que possibilitam a compreensão da relação de um texto de pretensão histórica e outro, de cunho literário.

Segundo Antônio Roberto Esteves o livro premiado *Nihonjin*, de Oscar Nakasato, ao retomar o tema da imigração japonesa ao Brasil, não o faz numa orientação épica, “pouco apropriadas aos tempos de globalização”, e a desloca para ponto de vista da “aventura de se tornarem brasileiros.” Isso visto não pela perspectiva de um imigrante mas de um filho e neto de imigrante que procura recuperar pela lembrança o que ouvira de seus familiares e preencher pela imaginação as lacunas do que teria sido essa saga. Em lugar de privilegiar a luta propriamente dos primeiros imigrantes em terra brasileira, como fizera *Gaijin*, de Tizuka Yamazaki, o livro focaliza o drama de pequenos grupos frente ao dilema da recusa ou aceitação da resultado da segunda Grande Guerra.

Em *O exílio, a memória e a relação entre arte e história na obra de Jorge Semprún*, Márcia Romero Marçal focaliza a obra *La escritura o la vida* (1994) desse escritor espanhol, bilíngüe, roteirista de filmes como *La guerre est finie*, de Alain Resnais (1966) e *Z, de Costa-Gravas* (1970). Semprún foi membro importante do partido comunista espanhol. Mas nada mais marcante em sua história que Buchenwald. Nessa obra, diz a autora “o narrador questiona seu regresso de

Buchenwald ao mundo “civilizado”, através do uso especial do termo “ressuscitado” ao invés de sobrevivente, ao mesmo tempo em que concebe o espaço do *lager* como a pátria-origem enquanto que o mundo como lugar de eterno exílio. Tal procedimento semântico nos informa que não há retorno ou futuro para quem esteve nos campos de concentração cuja catástrofe corresponde a uma perda irre recuperável”.

The Madonna of Excelsior (2002), do sul-africano Zakes Mda, é o objeto da artigo de Divanize Carbonieri, para a qual iniciar-se cada capítulo desse romance pela descrição de pinturas é uma estratégia para a criação de uma metaficção historiográfica, cujo foco é o momento intervalar entre o período do *apartheid* e o seu fim. O interesse da análise de Carbonieri é a possibilidade de ler-se essa relação entre narrativas pictóricas e o todo da obra como “fronteiras textuais e metafóricas e o deslizamento entre violência e reconciliação.

Trabalhar a hipótese de que *Muburaida* – normalmente considerado um poema heroico - possa classificar-se como um poema heroico-religioso é o que faz Tânia Pego, baseando-se na religiosidade que nele se manifesta. Henrique João Wilkens recia em sua obra um acontecimento de seu tempo, a pacificação da tribo Mura, e nela “revela um certo sentimento patriótico, sustentado por uma velada denúncia dos abusos cometidos pelos colonizadores e missionários contra os índios”.

A relação entre o discurso historiográfico e o literário é também o objeto de pesquisa de Cléber Luís Dungle; a literatura aqui na forma de biografia como se tem escrito atualmente. A figura escolhida é Santos Dumont e a obra, *O brasileiro voador*, de Márcio de Souza. Segundo o autor do artigo, a livro se estrutura como uma paródia, em que se desconstrói o mito nacional, livrando o inventor da ossificação histórica.

“A leitura do romance, cotejada com textos críticos do próprio Alencar, mostrará” – afirma Honorato em seu artigo sobre

Iracema, “como a máscara assumida por esse personagem-narrador parece condizente com o projeto alencariano de consolidação da língua e literatura no Brasil, que pretendia a criação de novas formas de expressão, de novos tipos literários, em conformidade com a originalidade da natureza brasileira”.

Os primeiros escritos utópicos ingleses (*Utopia* de Morus e *A Nova Atlântida* de Bacon) são estudados por Helvio Moraes, comparando as concepções de um e outro quanto a colonização do Novo Mundo, na construção idealizada do mundo outro; analisa também relatos feitos pelos interlocutores do viajante em relação à forma como são tratadas as populações nativas.

“Dezesseis palavras que choram”, crônica de Roberto Pompeu Toledo, publicada na *Revista Veja*, toma como tema a reação provocada pela fala do governador do Distrito Federal (2002), em que ele incitaria a crime de preconceito racial, ao convocar a população, numa manifestação/comício na cidade-satélite de Brazlândia, a uma “salva de vaias” a um aposentado negro que se encontrava próxima a uma faixa de protesto produzida por militantes do Partido dos Trabalhadores. Ricardo Marques Macedo e Aroldo José Abreu Pinto confrontam o texto do discurso e os argumentos da defesa do Governador contra a imputação do crime.

Não só a literatura oficial comparece: manifestações de minorias e em outros suportes são consideradas em textos de Gabriel Ignacio Verduzco Argüelles e María Eugenia Flores Treviño, José Luis Valencia González, Luceli Faria Batistote e Caroline Hermínio Maldonado.

Gabriel Ignacio Verduzco Argüelles e María Eugenia Flores Treviño se dedicam a pesquisar a tradição oral, o imaginário popular que se manifesta em relatos carregados de imagens simbólicas. Dentre eles, os autores escolhem *Las doce verdades del mundo*, do estado mexicano de Coahuila. Trata-se de um ritual para aprisionar bruxas. Partem os autores da hipótese de que a produção simbólica nesses relatos está condicionada pelo contexto vital, cujos sinais se

identificam na peculiaridade de cada relato, ou no apelo à consciência religiosa do ouvinte.

É o mitopoético, manifesto nas funções comunicativas, que interessa a José Luis Valencia González ao analisar o enunciado discursivo “El es Dios”, pronunciado durante o ritual da dança *conchera* mexicana. Segundo explica o autor, trata-se de uma dança que se pratica em várias regiões do país, e tem origem em tempos pré-colombianos. Nessa análise, Valencio se apoia Iuri Lotman, na Semiótica da Cultura da Escola de Tartu, e em Roman Jakobson.

A prática midiática e a história: em foco, o sujeito indígena no século XXI: numa abordagem semiótica, Maria Luceli Faria Batistote e Caroline Hermínio Maldonado analisam um texto jornalístico veiculado em 2009, pelo jornal *Correio do Estado*: uma foto montagem em que a figura de um indígena, da tribo terena, aparece vestido, de um lado, de terno e gravata e, de outro, de fibras de buriti, acompanhadas de cocar, colares e com a parte do rosto pintado. Priorizando os níveis textuais da tematização e figurativização, as autoras buscam os efeitos de sentidos decorrentes do processo de textualização, na construção de uma identidade.

TIEKO YAMAGUCHI MIYAZAKI
WALNICE APARECIDA MATOS VILALVA
MARÍA EUGENIA FLORES TREVIÑO
ORGANIZADORES